

DISPOSITIVO FORMATIVO

ATELIÊ DE HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO: *narrativas docentes em tela*



AUTORA: ANA PAULA MORAES SANTOS SOUZA
ORIENTADORA: CICERA SINEIDE DANTAS RODRIGUES

CRATO-CE
2023



DISPOSITIVO FORMATIVO

TECELÃS-AUTORAS



Ana Paula Moraes Santos Souza, mestra em Educação, especialista em Psicopedagogia e em Gestão Escolar, licenciada em Letras, graduanda em Pedagogia, professora da Seduc-CE.

Cicera Sineide Dantas Rodrigues, doutora em Educação, mestra em Educação, especialista em Gestão Escolar, licenciada em Pedagogia, professora adjunta do Departamento de Educação da URCA, professora do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU - URCA.



CRATO-CE
2023



Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Souza, Ana Paula Moraes Santos

S5729a ATELIÊ DE HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO: NARRATIVAS
DOCENTES EM TELA / Ana Paula Moraes Santos Souza. Crato-CE, 2023.

36p. il.

Cartilha. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Cicera Sineide Dantas Rodrigues

1.Dispositivo formativo, 2.História de vida-formação, 3.Narrativas docentes,
4.Aтелиê, 5.Telas; I.Título.

CDD: 300



DISPOSITIVO FORMATIVO

ATELIÊ DE HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO:
narrativas docentes em tela



ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO: ATELIÊ DE HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO, QUE PROPOSTA É ESTA?.....	4
2 BASE TEÓRICA.....	6
3 PROPOSTA DO DISPOSITIVO FORMATIVO: IDEALIZAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO.....	7
4 NARRATIVAS DE VIDA-FORMAÇÃO.....	13
4.1 Depoimentos das professoras-tecelãs.....	14
5 AJUSTES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	24
GALERIA DE IMAGENS.....	26
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E USO DE IMAGEM.....	36



CRATO-CE
2023



1 INTRODUÇÃO: ATELIÊ DE HISTÓRIA DE VIDA-FORMAÇÃO, QUE PROPOSTA É ESTA?

Por ser um Mestrado Profissional, a pesquisa realizada deve vir associada a uma proposta que ofereça ao cenário educacional um retorno, ou seja, uma contribuição em forma de intervenção para o fortalecimento da qualificação dos profissionais que atuam na Educação Básica. Assim, nasceu a ideia de envolver histórias de vida ao longo de toda a formação, com um viés sensível, criativo e artístico. Dessa forma, emergiu a proposta de um Dispositivo Formativo intitulado “Ateliê de história de vida-formação: narrativas docentes em tela”.

O Produto Educacional citado foi pensado como uma forma de retomar os passos iniciais da pesquisa e fazer uma intervenção, através da proposta de trabalhar a história de vida por meio de uma oficina formativa tecida por narrativas (auto)biográficas de professoras da escola Emília Ferreira (quatro docentes), em Tarrafas-CE, *lócus* da pesquisa de Mestrado e da escola municipal Ricarte Pedro (uma docente), do mesmo município. A oficina de história de vida teve o formato de um ateliê, em que foi utilizada a tela como principal dispositivo para impulsionar as narrativas das professoras.

Durante meu percurso no Mestrado Profissional em Educação – MPEDU e o contato com estudos referentes às narrativas (auto)biográficas e histórias de vida, pude vislumbrar a potência dessa abordagem para a formação de professoras(es) e, ao constatar que as(os) docentes do município não tinham em seus espaços de formação continuada formal o entendimento teórico e prático das histórias de vida como um importante dispositivo formativo, senti a necessidade de criar este artefato. Percebo como essencial apresentar, não apenas para as professoras que participaram da formação, mas para todas as pessoas que tiverem acesso a este material, o viés (auto)formativo que emana da abordagem das histórias de vida-formação.

A palavra dispositivo surgiu a partir da intenção de organizar uma proposta de formação que utiliza a tela como principal mecanismo de narrativa de si, mostrando-a passo a passo, não com uma receita para ser seguida rigorosamente, mas com a sensibilidade de apontar caminhos e possibilidades neste campo que intercala história de vida e formação docente. Ao pensar em uma palavra que conseguisse traduzir a dimensão do que estava sendo produzido surgiu o termo “dispositivo”, uma vez que esse material abrange os sinônimos atrelados ao vocábulo, é um artefato, instrumento pedagógico que pode dar subsídio às formações de professores de todas as etapas de ensino.

Mas por que um ateliê? Por que telas? Essa escolha surgiu da inspiração nos Ateliês Biográficos de Projeto (Delory-Momberger, 2006) e no Círculo Reflexivo Biográfico (Olinda, 2020). Outras inspirações para a construção da proposta vieram da Didática Sensível (D'Ávila, 2022) e nas dimensões articuladas ao sensível (Josso, 2007).

Diante do exposto, esse encontro formativo precisaria estar envolto à sensibilidade que exige, ao organizar um momento para a escuta de histórias de vida. Por esse motivo, além de “metáforas criativas” como poema, música, acolhimento, escolhi as telas (espelho e de pintura) para serem artefatos motivadores das narrativas de vida-formação, telas que reflexionam a potencialidade de cada narrativa tecida. O espelho como uma tela que reflete uma imagem e na correria incessante do dia a dia, muitas vezes, não paramos para nos ver, para contemplar a nossa imagem e pensarmos sobre quem somos. A tela de pintura funcionou como um importante instrumento para que cada professora refletisse sobre sua trajetória profissional e possibilitasse uma concretude a essas expressões por meio de traços, cores e sentimentos.

O trabalho com as histórias de vida possibilita o fortalecimento da formação de professores para o processo de integração destes e ameniza os impactos desse momento atual que é atravessado por tantos problemas de saúde mental dos docentes. Uma vez que, em uma pesquisa recente, publicada em 15/10/2023, no site de notícias Agência Brasil, o maior problema enfrentado pelos professores na atualidade é o adoecimento mental. Um trabalho como esse contribui para amenizar tal mazela, pois por meio das narrativas o grupo se integra, se (auto)conhece, isso favorece o enfrentamento do adoecimento mental o qual estão sujeitos os professores, coletivamente.

Como dito, o “Ateliê de história de vida-formação: narrativas docentes em tela” ganhou vida mediante a participação de 5 (cinco) professoras da Educação Básica do município de Tarrafas, sendo 4 (quatro) delas da escola que foi campo da pesquisa de Mestrado e 1 (uma) de outra escola da rede municipal.

Dessa maneira, o Produto Educacional elaborado como resultante do estudo investigativo mais amplo, pode servir como inspiração para várias outras escolas, com base na abordagem das histórias de vida e suas possibilidades de dispositivos pedagógicos para a formação de professoras(es). Ressaltando que para conduzir um momento como este é necessário estudo e preparação por parte do responsável, bem como a escolha de um local apropriado que inspire aqueles que estiverem participando da oficina.

Abaixo serão apresentadas tecituras teóricas e o modo em que a oficina formativa aconteceu, entendida como uma proposta, visto que pode ser ressignificada, repensada e readaptada a cada contexto.

2 BASE TEÓRICA

O percurso de formação continuada é inerente à vida de todos os seres humanos, visto que estamos em constante aprendizado e (re)construção. Para a profissão docente, a categoria da formação continuada ganha uma dimensão mais abrangente, pois é inerente à profissão a necessidade formativa permanente. Todavia, muitas vezes, estas(es) professoras(es) se anulam para assumir uma identidade que lhe é imposta, não encontram tempo para desacelerar, para refletir sobre questões que exigem reflexividade ou mesmo para olhar para si, para se contemplar e compreender que não é possível fragmentar-se.

Diante dessas ideias, as histórias de vida na formação de professoras(es) surgem como uma abordagem capaz de assumir um viés (auto)formativo e de impulsionar impactos relevantes no campo reflexivo docente. De acordo com Cunha (1997, p. 188),

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. [...]. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. [...]. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviezadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu próprio histórico para melhor poder compreendê-lo.

Ao contemplar a narrativa de si como um ato emancipatório, vemos a necessidade de percorrer as trajetórias já trilhadas por meio das narrativas de memórias, pois muitas experiências formativas podem ser ressignificadas por meio das histórias de vida narradas.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. [...] Ao mesmo tempo que o sujeito organiza suas ideias para o relato – quer escrito, quer oral – ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, portanto, acaba fazendo uma autoanálise que lhe cria novas bases de compreensão de sua própria prática (Cunha, 1997, p. 187).

No campo das narrativas (auto)biográficas diferentes instrumentos podem ser utilizados para que as histórias de vida tenham um lugar nas narrativas, como as entrevistas narrativas, vivências formativas que impulsionam as falas por meio de exploração de objetos pessoais e/ou fotografias, construção de mandalas, autorretratos, entre outros artefatos. As narrativas são muito potentes, pois “[...] nós temos uma história porque nós fazemos a

narrativa de nossa vida” (Delory-Momberger, 2006, p. 363). Diante de muitas possibilidades, optei pelo dispositivo formativo do ateliê em tela.

As inspirações vêm do Ateliê Biográfico de Projeto (Delory-Momberger, 2006). Este dispositivo “[...] inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal” (Delory-Momberger, 2006, p. 366). Outra fonte de influência para a organização deste Produto foi o Círculo Reflexivo Biográfico (Olinda, 2020) no que concerne aos seus princípios orientadores, como o formativo, o dialógico, o sociopolítico, o antropológico, a potência narrativa e o princípio integrador.

Assim, se sustenta este dispositivo, a partir do estado de contemplação da beleza das narrativas das histórias de vida como potenciadoras no processo de formação pessoal e profissional. “Essa potencialidade formadora de fazer experiências, refletir sobre elas para aprender sobre nós mesmos e o mundo, torna inseparável o sujeito e o objeto de conhecimento” (Passeggi, 2016, p. 76). Para Souza (2011, p. 215-216),

Os modos de escrever a vida revestem-se de vinculações estabelecidas cotidianamente com as itinerâncias dos sujeitos em suas relações sociais e institucionais. Articuladas aos processos históricos e socioculturais, as narrativas profissionais e pessoais revelam os modos como ocupamos os espaços e como nos relacionamos com o trabalho e com as produções concernentes à arte ou ao ofício de educar.

Dessa forma, as histórias de vida precisam ganhar mais espaço no âmbito da formação docente, visto seu caráter de autonomia, de reflexividade, de sensibilidade e de (auto)formação. Articulando aspectos sensíveis à didática, D’Ávila (2022) põe em evidência o sensível no percurso formativo docente, favorecendo a oportunidade de assumir uma postura renovada, em que o cognitivo é trabalhado em harmonia com o sensível, possibilitando a ressignificação da própria prática profissional. Esta concepção de didática serviu como inspiração para a elaboração das vivências narrativas-formativas, todas elas foram pensadas a partir dos passos didáticos que a autora citada criou: sentir, intuir, metaforizar/imaginar, experivivenciar, ressignificar e criar.

Na sequência, apresento o planejamento e o desenvolvimento do dispositivo formativo proposto, a oficina formativa de história de vida-formação com ateliê em telas. As imagens das professoras foram autorizadas para publicação, mediante assinatura de termo de autorização.

3 PROPOSTA DO DISPOSITIVO FORMATIVO: IDEALIZAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO

O Ateliê de história de vida-formação: narrativas docentes em tela foi idealizado e planejado por mim, Ana Paula Moraes Santos Souza, e por minha orientadora, Cicera Sineide Dantas Rodrigues. Antes da oficina de formação fiz uma sondagem da disponibilidade das professoras do Ensino Fundamental em relação ao interesse em participar do momento e o dia que poderiam participar. Este levantamento de informações foi realizado por meio de um formulário do *Google Forms*, enviado para 10 (dez) professoras. Deste grupo 8 (oito) tiveram interesse em participar, mas como a disponibilidade de horários eram distintos, apenas 5 (cinco) puderam cooperar com a proposta. Em seguida, organizei um convite formal e selecionei o texto Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto (Delory-Momberger, 2006) para o embasamento teórico da formação. Diante da disponibilidade de tempo para participar da oficina em uma segunda-feira à tarde, enviei o convite e o texto, em seguida todas confirmaram presença.

A formação aconteceu no dia 06/11/2023, das 13h às 17h, com 4 horas de duração, tendo como público-alvo 5 (cinco) professoras da Educação Básica da rede municipal de ensino de Tarrafas-CE. O encontro foi organizado e dividido por momentos intitulados de vivência narrativa-formativa. Para o planejamento e vivência de cada momento tive a inspiração, sobretudo, na Didática Sensível (D'Ávila, 2022) e nas dimensões articuladas ao sensível, apresentadas por Josso (2007). Assim, apresento o passo a passo de como a formação aconteceu:

Momento inicial: acolhida



Imagem 1- Acolhida e apresentação da pesquisa

Durante a acolhida foram dadas boas-vindas às professoras e, na abertura da formação, realizei a apresentação da minha pesquisa e falei da importância do momento, tanto para a construção do Produto Educacional como para a formação de todas. Falei da potência que há nos trabalhos com histórias de vida e a relevância de pensar nossos percursos formativos de maneira integral, desprezando a fragmentação que insistem em validar.

1ª vivência narrativa-formativa: minha imagem no espelho – apresentação de mim



Imagem 2 - Entrega das caixinhas



Imagem 3 - Contemplação de si no espelho

Dando sequência, a 1ª vivência narrativa-formativa foi nomeada por: Minha imagem no espelho – Apresentação de mim. Foi entregue para cada professora uma caixinha com um espelho dentro e foi solicitado que abrissem a caixa e contemplassem o que estava dentro dela, em seguida respondessem à seguinte pergunta reflexiva: **Quem é essa mulher refletida no espelho? Qual é a história dela?**

Foi reservado um momento para que cada uma falasse de si. Dessa forma, organizou-se um espaço de fala e de escuta sensível. Essas narrativas estão na seção seguinte. Após as narrativas (auto)biográficas foi compartilhada a leitura do poema “A vida verdadeira”, de Thiago de Mello. Para encerrar essa vivência narrativa-formativa, as professoras teceram uma avaliação oral do momento e foram conduzidas pela pergunta: **Como você se sentiu? O que foi significativo?**

2ª vivência narrativa-formativa: fundamentação teórica do tema



Imagem 4 - Estudo teórico

A 2ª vivência narrativa-formativa visou a fundamentação das falas feitas com o texto teórico, Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto (Christine Delory-Momberger, 2006), o qual foi enviado com antecedência para cada uma (versão digital). Na oportunidade, o texto foi novamente disponibilizado (versão impressa) e foi realizada uma roda de conversa sobre os principais pontos do artigo. As tecituras dialógicas se constituíram em meio à vibrantes cores e significações ao relacionar a escrita teórica com as histórias de vida-formação presentes.

3ª vivência narrativa-formativa: uma pausa para o café com saberes e sabores



Imagem 5 - Café da tarde

Em seguida, a 3ª vivência narrativa-formativa se concretizou em volta da mesa, com um café da tarde, visto que se constitui um momento rico em sabores e saberes, boas conversas e risadas espontâneas, descanso e alimento para o corpo. Assim como as comidas, a formação é constituída por muitos sabores que fortalecem a construção de saberes.

4ª vivência narrativa-formativa: Abrindo espaços sensíveis para as narrativas docentes em tela



Imagem 6 - Alongamento

Ao retornar do café, as professoras puderam experienciar a 4ª vivência narrativa-formativa. Iniciamos com um alongamento, entendendo a importância de cuidar do corpo. Em seguida, pedi para que fechassem os olhos para ouvirem a música Caçador de mim – Milton Nascimento. Elas puderam apreciar a melodia da canção e falar sobre versos que mais foram significativos. Essa vivência abriu espaço para a oficina “Narrativas docentes em tela”.



Imagem 7 – Materiais para a pintura em tela

Foi preparado um espaço com telas de pintura, tintas, pincéis e canetinhas e feito um convite às professoras, que representassem na tela a seguinte reflexão: **Como você se tornou a professora que você é hoje?** A representação na tela deveria ser feita por meio de pintura, da escrita de um poema, letra de música, de um símbolo, palavras, enfim, da forma que cada professora se sentisse mais à vontade para expressar-se. Enquanto faziam as produções das telas, ouviam músicas instrumentais em som ambiente. A socialização de suas pinturas/escritas foi realizada em meio à potentes narrativas estas serão socializadas na seção seguinte.

5ª vivência narrativa-formativa: Quais tecituras levo comigo?



Imagem 8- Escrita da avaliação da oficina formativa

A 5ª vivência narrativa-formativa pautou-se na avaliação final (escrita) – **Quais tecituras vou levando comigo?** As participantes fizeram o registro escrito e uma realizou a leitura da escrita da outra. Ao compartilharem as narrativas escritas puderam refletir: **eu me reconheço nos sentidos formativos da minha colega?**

Todas as vivências narrativas-formativas se constituíram em meio à sensibilidade em todas as suas dimensões, ao afeto, à confiança, ao profissionalismo, tendo como ponto principal as histórias de vida-formação possibilitadas pelas narrativas docentes, entretecidas pelos vários aspectos que perpassam a identidade de cada uma das professoras participantes do ateliê formativo.

4 NARRATIVAS DE VIDA-FORMAÇÃO

O mundo é isso – revelou. – Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores.

(Galeano, 2020, p. 13)

Em *O Livro dos Abraços*, Galeano realiza uma metaforização sobre as pessoas e deixa registrada a beleza da singularidade que cada uma carrega, ao passo que apresentam traços comuns, todas são fogueirinhas. As narrativas que serão enunciadas, fruto das vivências narrativas-formativas constataam essa afirmação de Galeano, visto que cada uma possui uma história singular, mas que se parece em muitos aspectos com a da colega.

As vivências de narrativas-formativas apresentadas trazem a centralidade das telas que refletem histórias de vida. E se encontram com as dimensões articuladas ao sensível (Josso, 2007), pois no entretecer das narrativas elas se reconhecem como um ser de sensibilidades, de ações, de emoções, de carne, de atenção consciente, de imaginação, de afetividade e ser de cognição. Além da possibilidade de explorar todos os órgãos dos sentidos para as vivências planejadas, percebendo-se como um ser integral.

Em vista disso, uma formação continuada à luz da didática do sensível e da abordagem (auto)biográfica, é imprescindível para contribuir com o trabalho docente, já que ela objetiva “o desenvolvimento de pessoas sensíveis, inteligentes, criativas, empoderadas intelectualmente, com sensibilidade social e senso crítico.” (D’Ávila, 2022, p. 100). Dessa forma, essa didática vislumbra o(a) professor(a) como um ser humano de forma integral, visto que para a didática sensível “todas as inteligências ou capacidades humanas, precisam estar despertas ou pelo menos, precisam ser reconhecidas e valorizadas em espaço escolar” (D’Ávila, 2022, p. 96).

Durante todo o percurso, as professoras se encantaram com as possibilidades formativas contidas em suas histórias e perceberam a importância que cada uma tem, a contribuição que cada uma pode oferecer e a potencialidade que há na socialização destas histórias. Dessa forma, ficou evidenciado que,

A professora-narradora sai fortalecida pelo processo de autoria. Seu discurso não se distancia de sua prática, anda com ela, o que lhe dá mais confiança, aumenta sua autoestima e a encoraja a continuar aprendendo, teorizando, conhecendo e conhecendo-se de forma mais autônoma. [...] O sujeito biográfico se afirma no

processo de biografização, como sujeito epistêmico (do conhecimento) e sujeito biográfico (do autoconhecimento) suscetível de melhor conhecer “os deuses” e “o universo” (Passeggi, 2016, p. 81).

Embora todas as vivências tenham sido repletas de falas, de relatos que contribuíram não apenas para a formação das professoras participantes, mas para a minha também, optei por trazer os recortes de apenas três momentos de vivências narrativas-formativas, os quais as participantes narraram histórias de si e puderam fazer reflexões sobre si em diversos aspectos.

Para posterior transcrição das histórias de vida, a formação foi gravada, mediante anuência das participantes. As professoras escolheram pseudônimos para a identificação de si. Estes foram pensados a partir da pintura que fizeram nas telas. Quando mencionadas na coletividade, elas serão denominadas de professoras-tecelãs e identificadas por Águia Pequena, Futuro, Esperança, Borboleta e Infância. A seguir, apresento depoimentos das professoras nos principais momentos da formação realizada.

4.1 DEPOIMENTOS DAS PROFESSORAS-TECELÃS

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito.

(Cunha, 1997, p. 188)

A vivência narrativa-formativa minha imagem no espelho – apresentação de si, suscitou grandes reflexões às professoras-tecelãs. De início, ficaram surpresas com o pedido de falarem sobre si e até tiveram dificuldade de pensar uma narrativa, mas logo ficaram à vontade e já começaram a tecer reflexões sobre a importância de falar de si e ter alguém que as escute, da importância de encontrar um lugar para a narrativa da sua história de vida.

Assim, foram organizando a ordem das falas e enquanto uma narrava as outras ouviam atentamente. O momento foi repleto de emoção com direito a choro e a boas risadas. Embora o trabalho pedagógico com as narrativas de vida não tenha um caráter terapêutico, é notório que esta organização formativa proporciona um grande bem-estar aos que dela participam.

Abaixo alguns trechos das narrativas suscitadas ao olharem para si na tela do espelho, e responderem à pergunta: Quem é esta mulher no espelho? Qual a história dela?



ÁGUA PEQUENA: É muito difícil falar sobre nós mesmas. Quem é esta mulher? Eu logo pensei nas dificuldades de falar e na questão da linha do tempo. Essa mulher aqui é uma jovem sonhadora, uma profissional, uma mulher que arrasta tantas bandeiras, pois temos que ser fortes, mas continua sendo uma mulher sonhadora. Ao olhar no espelho, percebe rugas de expressão pela questão do tempo, traz grandes memórias relacionadas à vida pessoal, vida estudantil, quantas rugas, né? Quantas formações, quantas previsões, quantas decepções e

quantas realizações, graças a Deus. Continua sendo uma profissional da educação que acredita na educação, sonha com coisas positivas, que a educação ainda transforma realmente e ajuda nessa transformação apesar dos grandes desafios. Continua também sendo uma mulher que sonha com o aspecto pessoal de realizar sonhos e que está sempre em constante aprendizagem, curiosa, no momento mesmo, o que a Ana Paula vai fazer de diferente para a aprendizagem de nossas vidas? É esta mulher que foi representada na redação do Enem¹, que é atarefada, que o tempo é pouco, vive na correria, está sempre nessa jornada.

FUTURO: Uma mulher, uma mãe, uma profissional, cheia de esperança – tenho muita, muita esperança mesmo – de contribuir com o mundo de alguma forma através do meu trabalho como educadora, sempre busquei isso. É uma mãe que espera que suas filhas tenham um futuro brilhante, eu busco muito isso, incentivo, desejo que elas também tenham essa esperança que eu tenho, de melhorias. Uma esposa, procuro ser companheira, me dedico ao máximo a minha família. [...] Eu vejo uma mulher que sonha mesmo, que as coisas possam



melhorar sempre e espero que hoje seja um momento que contribua muito não só para esse lado da formação, do aprendizado, mas também venha a contribuir para o meu trabalho, que seja algo que eu possa levar também para o meu dia a dia, para a parte profissional.

¹ Tema da Redação do Enem 2023: Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil.



ESPERANÇA: assim que eu abri a caixinha e me deparei com a pessoa, a primeira coisa que me veio foram os traços de cansaço que eu vejo no rosto da mãe TEA (Transtorno do Espectro Autista). A mãe TEA vive uma rotina diferente das mães típicas, uma rotina bem intensa. Os traços de uma mãe TEA trazem visibilidade para o cansaço, para a rotina intensa, as sobrecargas são muito grandes, parece que todos os dias o que se tem a fazer é mais do que foi feito no dia anterior. [...]

Todos os dias tenho que me organizar, pois tenho que cumprir aquela tarefa, eu tenho que estar pronta para cumprir. Este foi o primeiro traço que vi no rosto dessa mulher. Depois eu vi a profissional dentro da educação, dentro do magistério que é um caminho cheio de desafios e a gente está sempre naquela luta incessante de procurar fazer o melhor, de ter resultados que nos dê satisfação, que nos deixem realizadas, felizes diante da grande responsabilidade, da tamanha dedicação que a gente tem, de tantas coisas que a gente abre mão em nosso dia a dia para fazer dentro do nosso trabalho e muitas vezes a gente não tem o resultado esperado. [...] Também me vejo como uma mulher que luta de forma feroz pelo bem dos meus filhos. Tudo o que vou fazer penso primeiro no bem deles, até que chega um momento que paro para refletir e penso que estou esquecendo um pouco de mim, se eu desmoronar tudo vai se desmoronar, porque eu estou à frente de toda a responsabilidade, sou mãe e pai. [...] Me vejo como alguém que está inteiramente responsável por essa tarefa que não é fácil e é uma tarefa que se não for cumprida direitinho vai gerar consequências. É uma tarefa minuciosa, a gente tem que ter todo um cuidado para que isso não venha ter como resultado uma consequência negativa futuramente. [...] uma mulher que acredita muito no agir do Senhor na vida dela. O que me mantém em pé, me mantém forte, o que me segura é a minha fé, por eu acreditar inteiramente que o Senhor está com as rédeas de toda essa situação nas mãos dele e eu deposito isso nas mãos dele e é o que me faz caminhar, é o que me faz acreditar, andar e estar nessa luta, nessa batalha diária.

BORBOLETA: quando eu me vi aqui e foi feita a pergunta me veio uma retrospectiva da minha vida e reflito sobre a importância da minha construção por meio da minha história de vida. Cada passo dessa história quando a gente para em um momento desses para refletir a gente ver a importância de cada um na nossa vida, na nossa formação profissional, pessoal. A primeira imagem que vi foi a de



mãe que pensa primeiro na formação dos filhos. É uma responsabilidade tão grande que às vezes quando a gente vê um filho dá um passo errado você logo pensa onde errou, será que é minha culpa? É uma tarefa árdua e que você se dá total e a todo momento você se cobra achando que não está fazendo o necessário. Quando eu me vi nesse espelho e me foi feita a pergunta eu fiz a relação entre a importância dessa história de vida e a gente vê, nesse momento, a importância de cada momento que você viveu para a construção da pessoa que a gente é hoje. A gente faz muito e acha que não fez o bastante e o que nos mantém é a nossa fé e a esperança que coisas melhores virão.



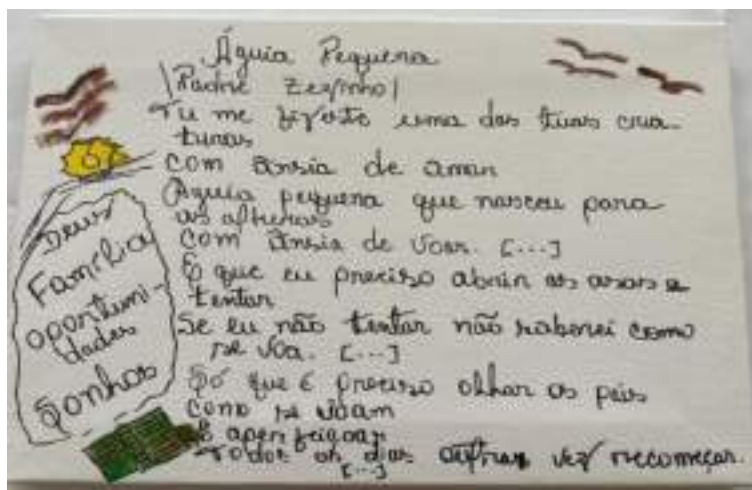
INFÂNCIA: O tempo passa muito rápido, tem coisas na vida da gente que passa tão despercebidas que poderiam ter sido mais aproveitadas. Na época da minha adolescência eu era muito egoísta comigo mesma, me cobrava coisas que não devia cobrar e eu deixei de viver boa parte da minha adolescência, da minha juventude por causa das cobranças que eu me fazia, de estar sempre querendo algo que não era para ser, de ficar me julgando, me cobrava e me julgava ao mesmo tempo, foi um período difícil, acho que na minha história de vida teve mais sofrimento do que alegria, mas que me serviu de força. Quando eu vejo o que

eu já passei e que em todos os momentos difíceis Deus estava ali comigo, embora no momento eu possa até não ter dado conta, ter reclamado, mas Ele estava comigo, pois eu estou aqui hoje e se não fosse por ele eu não estaria. Em todos os processos da minha vida ele está. Quando paramos para pensar em nossa existência começamos a nos cobrar e nos perguntar por que eu fui assim, porque não fiz assim... a gente se cobra muito, a toda hora a gente está se cobrando por algo que a gente não fez ou porque fez. E uma das grandes cobranças que fazemos é sobre a criação dos nossos filhos, pois se as coisas dão certo a gente pensa que é assim mesmo, mas se não dá a gente logo pensa onde errou. Ser mulher é um dos papéis que Deus pensou bem, você vai ser mulher porque eu sei que você dá de conta, porque é ser mãe, esposa, filha, ter a nossa profissão de professora que requer muito de nós, se a gente faz bem-feito ninguém vê, mas se você errar, um pouco que seja, você se cobra e ainda vem pessoas de fora que nem conhecem o caso e julga, apontam o dedo. A nossa profissão é uma profissão que requer muito de nós e, infelizmente, não estamos só para ela, pois vem casa, esposo, filhos, mas na maioria das vezes a gente está sobrecarregada nela [...]. Mas é uma profissão que eu não me vejo sem, é uma coisa assim que é gratificante.

“Como é bom ser ouvida”! Foi uma das falas que ecoou após a narrativa de todas as professoras-tecelãs. E continuou: “A primeira aprendizagem do momento é que como é bom a gente ser ouvida, que bom que você trouxe essa oportunidade. [...] Aí vem os sentimentos, as emoções, como é bom a gente escutar a outra, já não estamos mais sendo invisíveis nesse momento”. Este relato foi tecido por Águia Pequena e foi acompanhado de relatos das demais participantes.

Ao vislumbrar as falas que deram concretude à vivência formativa, identifica-se mulheres tão batalhadoras, sonhadoras, valentes, apaixonadas por seus filhos, esposo, profissão, pela vida, mulheres que enfrentam grandes desafios diários, como o da mãe TEA.

Em sequência, apresentarei o resultado da 4ª vivência narrativa-formativa: narrativas em tela, em que as professoras se expressaram por meio da arte, da criatividade e das suas narrativas. **Ao responderem como você se tornou a professora que você é hoje?** O produto obtido foi:



ÁGUIA PEQUENA: resolvi me representar por palavras, pois a palavra está sempre presente na minha formação, no meu trabalho... As palavras têm um grande poder, seja ele positivo ou negativo. Eu trouxe a letra de uma música Águia Pequena, do padre Zezinho [...]. Tirei alguns trechos

que me representam em relação a minha formação. Começa dizendo: “tu me fizeste uma das tuas criaturas com ânsia de amar”, então Deus me criou com essa ânsia de amar, de conquistar... “águia pequena que nasceu para as alturas com ânsia de voar”, quando a gente inicia os estudos, a gente quer sempre alçar novos voos nessa ânsia de ir sempre mais alto, contemplar novas realizações. Esse trecho também fala da minha progressão enquanto profissional, eu estudei, eu quis alcançar outros voos. “E que eu preciso abrir as asas e tentar”, pois muitas vezes a gente não tenta com medo e no início da nossa profissão sentimos muito medo, medo de tentar, de não dá certo. “Se eu não tentar não saberei como se voa [...] Só que é preciso olhar os pais como se voam”, então, quais são os nossos maiores exemplos? A nossa família. Precisamos aprender a olhar para nossas origens, pois foi através das escolhas dos meus pais, das poucas oportunidades que eles puderam me oferecer – que se transformou em muito – e a força que eles tinham, os exemplos, os conselhos, foi a partir deles..., mas depois

vem o aperfeiçoar, pois na vida precisamos de aperfeiçoamento a cada dia. Hoje como me vejo enquanto professora? Venho tentando me aperfeiçoar ao longo dos tempos, a gente não para os estudos, não para de aprender uns com os outros, vai aprendendo novas descobertas e vai vendo as nossas ações, o nosso trabalho precisa se aperfeiçoar, fazemos de um jeito em um dia, aí a gente percebe que pode fazer melhor, então a gente começa a fazer. Terminei dizendo: “Todos os dias, outra vez recomeçar”. Pensando na letra da música e pensando também no voo eu coloquei pássaros, sol e para representar a profissão coloquei um livro e algumas palavras-chave – Deus, família, oportunidades.

ESPERANÇA- Utilizei palavras que simbolizam a proposta da atividade. Escolhi a escada porque ela vem representar cada degrau que a gente vai subindo em nosso percurso [...]. Trago a árvore como forma de esperança, porque tudo o que a gente vai fazer é importante ter esperança de que vai conquistar, vai superar as barreiras encontradas no caminho. A esperança sempre



vai estar presente, vai caminhar junto comigo nesse percurso. Daí coloquei as palavras: **oportunidade**, porque, de fato, ter me tornado professora primeiro foi pela oportunidade que me veio, criou-se a **perspectiva** e com ela a **dedicação**, pois preciso me dedicar. Novamente a **esperança**, porque ela vem junto e precisa estar sempre presente e depois o **comprometimento**, uma vez que é preciso compromisso para atuar, compromisso conosco, com tudo o que a gente faz, nas nossas escolhas desse percurso. **Fé**, essa fé que a gente vai conseguir, de acreditar em nós mesmas, a fé de que vai dar certo. **Amor**, tudo devemos fazer com amor para que realmente flua e a **perseverança** que vem complementar as outras palavras, pois precisamos perseverar naquilo que fazemos e dentro da nossa profissão estamos sempre nos aperfeiçoando, a nossa formação continua sendo um processo que a cada dia aprendemos algo novo, aprendemos com a nossa própria prática com os nossos alunos, aprendemos com o conhecimento que eles trazem, aprendemos compartilhando saberes com os colegas de profissão, então é um processo, é um processo contínuo de aperfeiçoamento, aprendizagem e ressignificação do que já sabemos e do que fazemos.



BORBOLETA: tentei fazer um pequeno resumo, porque ter que fazer uma história tão longa apenas nesse espaço é desafiador: “No início uma pequena borboleta/ Procurando lugar para pousar/ Em algum momento casulo/ sem saber que rumo tomar/ Depois de muitos aprendizados/ Tenho muita história para contar”. Depois tentei fazer uns rabiscos que

tivessem associação com o que escrevi. Nunca me imaginei como professora e aconteceu, foi uma oportunidade que me veio. E no decorrer do tempo veio esses momentos “casulos”, pois há tempos em que ficamos sem rumo, sem saber como fazer. Mas junto aos momentos difíceis vem as oportunidades, pessoas que nos ajudam e tudo isso vai fazendo com que a gente construa um aprendizado novo, tome decisões certas e quando erradas também servem como aprendizado. A nossa história de vida não é linear, de uma borboleta voltar a ser o casulo. No final quando falo com muita história para contar é de fato uma longa história e que está em construção.

INFÂNCIA: essa pintura representa uma brincadeira da minha infância. Eu fui uma criança que brincou muito e sempre eu era professora. Eu brincava só e essa bacia na cabeça era a merenda dos meus alunos. Durante minha infância a merenda era feita na casa da professora, a escola era a casa da professora e ela ia buscar essa merenda na cidade, pois essa era uma escola aqui da zona rural.



Sempre brincava carregando a merenda dos meus alunos, fazia um percurso de onde ia pegar essa merenda até a escola do faz-de-conta que era embaixo do pé de cajarana e os meus alunos eram os tijolos. O tempo passou, nasceu minha irmã e em nossas brincadeiras sempre brincávamos de escola. Eu sempre me espelhava em minha primeira professora [...]. E os anos se passaram e eu tive a oportunidade de ser professora de Educação Infantil [...]. Cada etapa foi muito sofrida. Cada experiência foi formando a professora que sou hoje [...]. Hoje tenho

uma aluna que quer ser professora e diz que quer ser igual a mim [...]. Ser professora é a cada dia estar descobrindo a nós mesmas.



FUTURO: ser professora foi uma oportunidade que apareceu em minha vida. Aos 16 anos já dava aula de reforço em minha casa e o prefeito da época me ofereceu um emprego para ser professora em uma escola na zona rural do município [...]. Era longe de casa, saía cedo e chegava no final do dia [...]. Foi uma oportunidade e que no caminho a gente vai

pegando gosto pela profissão e a gente vê que através daquela profissão pode contribuir de alguma forma para o futuro, para uma melhoria não só da própria vida, mas do mundo. Acredito que a nossa profissão é uma das que mais contribui para a esperança de dias melhores [...]. A educação traz essa ideia de esperança de dias melhores. Tem as dificuldades, mas eu gosto de ser professora, tem dias que são cansativos, mas eu gosto do contato com os alunos, das brincadeiras, gosto do encontro com os colegas [...].

Ao ouvir todas as colegas, Esperança fecha o momento com a constatação de que: Um momento como esse aqui nos remete a uma reflexão muito importante, porque quando falamos de nós mesmas, vemos que não podemos separar os âmbitos, mas falamos de todos os aspectos, daí a gente fala como mãe, fala como pessoa da sociedade, como profissional, como pessoa de fé, assim a gente traz para essa reflexão todos os aspectos do meu eu, quem sou eu.

Acompanhado deste, muitos outros relatos foram se constituindo. Logo após, a formação se encaminhou para o encerramento e foi solicitado que cada professora fizesse uma avaliação final do encontro, visto que durante todo o percurso elas estavam analisando e avaliando cada vivência. Esta avaliação deveria ser escrita e responder ao questionamento: **Quais tecituras vou levando comigo?** Após escreverem, pedi que uma lesse em voz alta a avaliação da outra. Apresento a transcrição da escrita das professoras-tecelãs:

ATELIÉ FORMATIVO

Quais tecituras vou levando comigo ?

O momento proporcionou muitas coisas positivas. A escuta, o ouvir o próximo, o resgate à nossa identidade e ao nosso "eu".

Além disso, contribuiu para o crescimento pessoal e profissional, visto que, somos seres em constante formação. A troca de experiência entre as colegas e a formadora mostrou-me o quanto precisamos sair da nossa rotina atropelada e nos conectarmos conosco e com o próximo. Parabéns pelo encontro!

Águia Pequena





ATELIÉ FORMATIVO

Quais tecituras vou levando comigo ?

Importante reflexão do "eu" em todos os aspectos e o reconhecimento de nós mesmas por meio das narrativas da nossa própria história, a qual nos foi proposto nesta formação.

Esperança




ATELIÉ FORMATIVO

Quais tecituras vou levando comigo ?

A importância da história de vida apresentada como narrativa dentro da construção de nós mesmas como profissional. Uma tarde agradabilíssima com reflexões necessárias para o nosso crescimento intelectual.

Borboleta







ATELIÊ FORMATIVO

Quais tecituras vou levando comigo ?

Momento reflexivo em relação ao meu papel social como mulher, em todos os aspectos. A importância da narrativa de vida como algo que pode trazer reflexão nas atitudes, no modo de agir e de pensar. Tarde muito rica em aprendizado e reflexão.

Futuro

ATELIÊ FORMATIVO

Quais tecituras vou levando comigo ?

Momento prazeroso, em que me fez reviver momentos importantes da minha vida. Falar da minha vida e das minhas experiências foi gratificante. Momentos como esse são necessários para nos conhecermos como pessoas dotadas de histórias, as quais nos torna a pessoa única que somos - que sou.

Infância



5 AJUSTES FINAIS

O Produto Educacional construído tem a intenção de mostrar a potencialidade existente nas formações que acolhem as falas de seus participantes. O dispositivo formativo “Ateliê de história de vida-formação: narrativas docentes em tela” tem o objetivo de inspirar formações de professoras(es), tendo como abordagem e metodologia as narrativas (auto)biográficas, nestas estão contidas a escuta das histórias de vida, da sensibilidade e do acolhimento às diversas realidades vivenciadas pelas(os) docentes.

Dessa maneira, este dispositivo formativo pode ser utilizado seguindo todos os passos já vivenciados, como também ser repensado de acordo com as diversas realidades pedagógicas que os grupos e escolas podem ter. Por isso, este Produto é atravessado pela proposta da sensibilidade, do artístico e do criativo, pois cada momento formativo deve se adequar às necessidades humanas de articular o cognitivo e o sensível.

O essencial na proposta é que seja construído no interior das escolas, nos grupos de formação de professoras(es) espaços para reflexão, em que docentes possam se expressar, sentir, construir seu autoconhecimento, conhecer o outro, ampliando, dessa forma, um espaço de construção de saberes e de relações mais harmoniosas.

REFERÊNCIAS

CUNHA. Maria Isabel da. Conta-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **R. Fac. Educ.**, São Paulo, v.23, n. 1/2, p. 185-195, jan./dez. 1997.

CRUZ. Eliane Patrícia. Saúde mental é o principal problema para os professores, aponta pesquisa. **Agência Brasil**. São Paulo, publicado em 15/10/2023. Disponível em: Saúde mental é principal problema para os professores, aponta pesquisa. Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em: 01 nov. 2023.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível**: Contribuição para a didática na educação superior. São Paulo: Cortez, 2022. DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação Porto Alegre/RS**, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. OLINDA. Ercília Maria Braga de. **Círculo Reflexivo Biográfico**: reflexões epistemo-metodológicas sobre tessituras coletivas das narrativas de si. In: OLINDA. Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (Orgs.). Narrativas (auto)biográficas e religiosidade. Fortaleza: EdUECE, 2020.

PASSEGGI. Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213 a 220, maio/ago. 2011.





Imagem 9 - Caixinhas com espelho



Imagem 10 - Material para a 1ª vivência narrativa-formativa



Imagem11 - Material pedagógico



Imagem 12 - Material teórico



Imagem 13 - Material para pintura

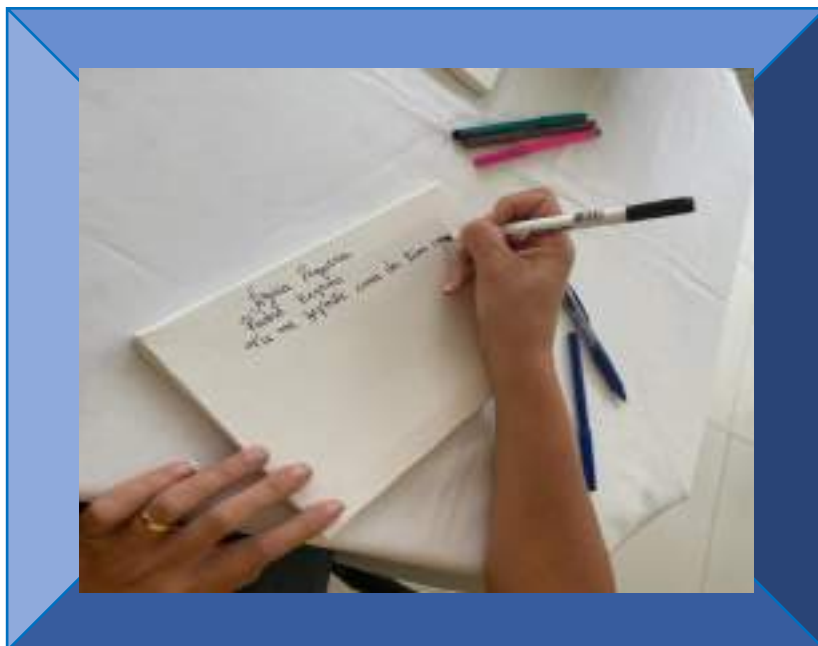


Imagem 14 - Oficina - Escrita em tela



Imagem 15- Desenho em tela



Imagem 16 - Pintura em tela



Imagem 17 - Representações em tela



Imagem 18 - Exposição das telas



Imagem 19 - Narrativas escritas



Imagem 20 - Professoras-tecelãs



Imagem 21 - Convite

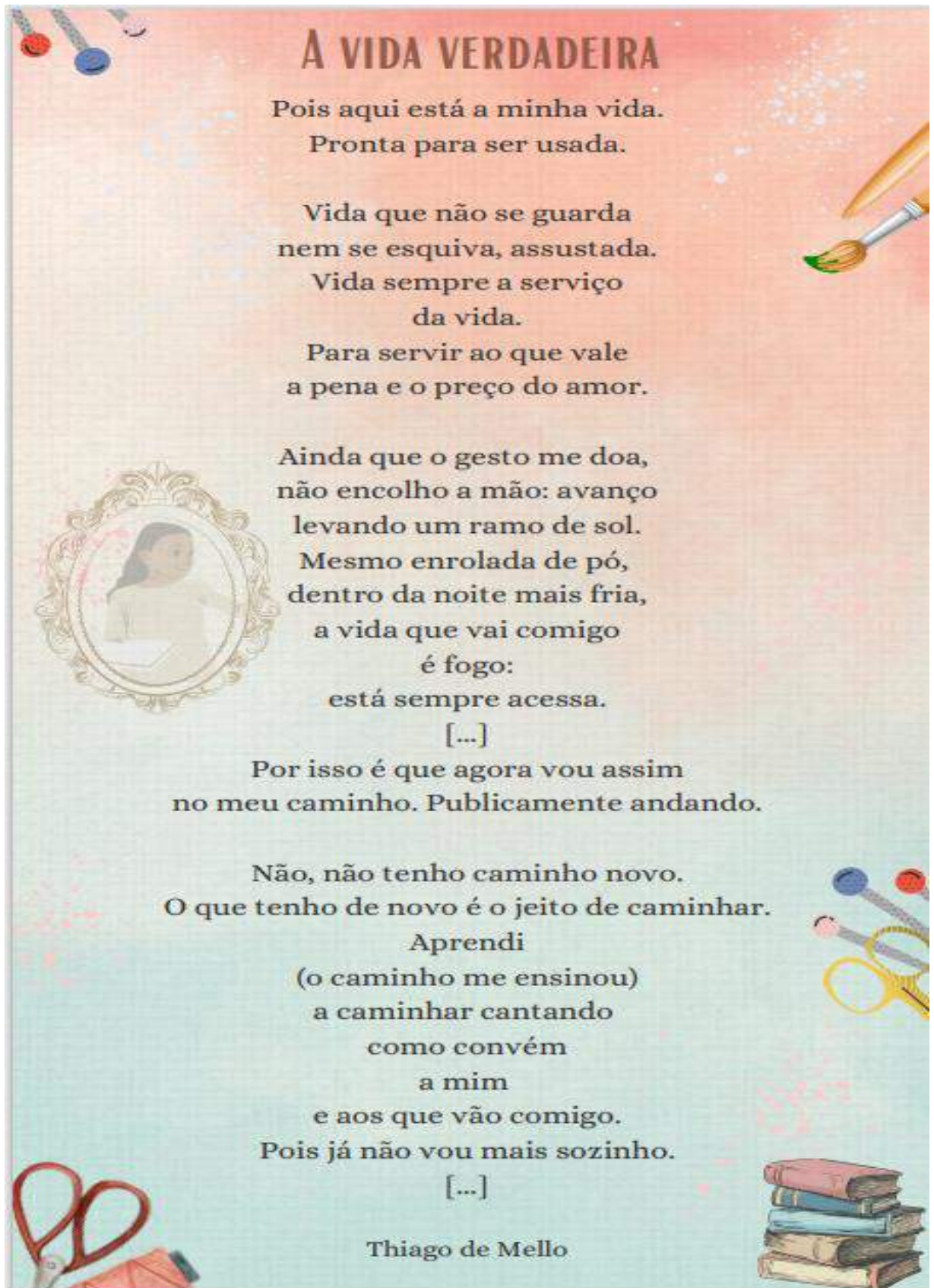


Imagem 22 - Poema usado na 1ª vivência narrativa-formativa

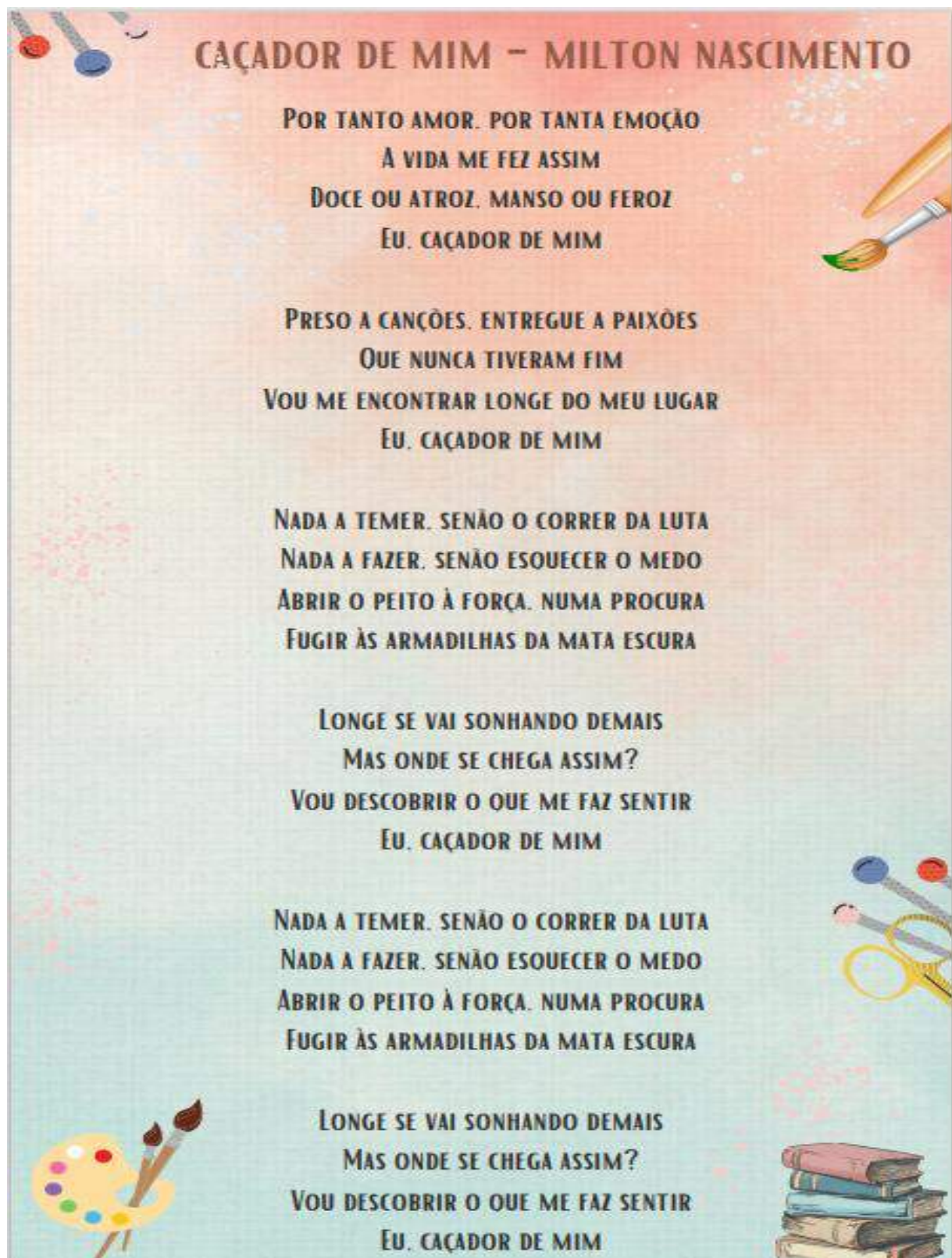


Imagem 23 - Música que abriu a 4ª vivência narrativa-formativa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E USO DE IMAGEM

Eu _____, portador(a) da
Carteira de Identidade nº _____ e do CPF nº _____
_____, residente à rua _____, bairro
_____, na cidade de _____,
_____, autorizo a gravação de voz, durante a oficina
“Ateliê de história de vida-formação: narrativas em tela”, ministrada pela mestrandia
Ana Paula Moraes Santos Souza, aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação
– MPEDU – URCA, sob a orientação da Profa. Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues. A
presente autorização é concedida a título de gratuito, referindo à gravação de voz e
imagem e ao uso de imagem na publicação do material.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos e assino a presente
autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Tarrafas, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante